

A RELAÇÃO ENTRE AÇÃO E PENSAMENTO: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DE GRAMSCI

*Erasmio Miessa Ruiz**

Em verdade o homem é de natureza muito pouco definida, estranhamente desigual e diverso. Dificilmente o julgaríamos de uma maneira decidida e uniforme.

(Michel de Montaigne).

A aula de Geografia está particularmente interessante naquele dia ensolarado. O professor de Ensino Médio, de uma cidade do interior paraense, ilustra como os povos do hemisfério norte são mais produtivos do que os do hemisfério sul. Todas as estatísticas depõem a favor do professor. Em contrapartida, os dados do hemisfério sul, exceção feita à Austrália, demonstram inequivocamente que estaríamos condenados a um círculo vicioso de subdesenvolvimento. Para justificar tal disparidade, o professor resalta as diferenças culturais entre os povos anglo-saxônicos e os latino-americanos, acentuando a compulsão puritana para o trabalho nos primeiros e uma certa ética minimalista de só pensar no presente entre os latinos. Obviamente, a primeira situação leva ao crescimento econômico e acumulação de poupança enquanto a “indolência”, a “preguiça” e a “compulsão à festa” leva a miséria e sofrimento na segunda. Os brasileiros somos todos, de alguma maneira, culpados por nosso subdesenvolvimento. Para ilustrar seu argumento o professor aponta freneticamente a Austrália no mapa-múndi, país desenvolvido do hemisfério sul, colonizado por anglo-saxônicos – A Tese está Demonstrada!

* Doutor em Educação pela UFC; professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE); membro do Grupo de Pesquisa “Vida e Trabalho” (UECE) e pesquisador do Laboratório de Estudos do Trabalho e Qualificação Profissional – LABOR/UFC; consultor regional pelo Ministério da Saúde da Política Nacional de Humanização (PNH); professor colaborador do Mestrado Acadêmico em Educação da UFC e do mestrado Acadêmico em Saúde Pública da UECE. E-mail: poiesis@uol.com.br

A salvação proposta: temos que buscar na história da Europa o caminho para o desenvolvimento, aplicar os mesmos modelos de gerenciamento do trabalho, inculcar uma mudança de atitude nestes povos atordoados pelo clima quente, pelas belezas da natureza e pela luxúria desenfreada. Temos de fazer uma reforma moral e religiosa que nos afaste de valores e crenças arcaicas, temos de buscar uma concepção de vida e religião que nos aproxime do protestantismo. Se assim o fizermos, chegaremos ao ápice do desenvolvimento capitalista, com bons salários e vida digna para todos. Num gesto dramático, o professor levanta as mãos para o céu e indaga: "por que os holandeses não ganharam a guerra de Portugal para contaminar esse país com uma saudável dose de calvinismo?" Encerra a aula de Bíblia nas mãos citando provérbios 6, 6-11:

Vai ter com a formiga ó preguiçoso, observa seu proceder e torna-te sábio! Ela, que não tem chefe, nem fiscal nem soberano, no verão prepara seu alimento, ajunta no tempo da ceifa sua comida. Até quando dormirás, ó preguiçoso, quando te levantarás do sono? Um pouco dormir outro cochilar e mais um pouco cruzar as mãos para descansar, e tua pobreza virá pressurosa e tua indigência, como um homem convocado às armas.

Os alunos se retiram com a leve impressão de que devem olhar as formigas com outros olhos agora. Levam também um certo sentimento de culpa pelas festas que frequentam, pelo fato de não estarem trabalhando com o afinco necessário, pela cachaça compartilhada com os amigos, mas também sentem um certo incômodo, a leve impressão de que o professor pode estar errado; mas, como argumentar com alguém que estudou tantos anos? Se ele tem mais estudo, então deve estar certo!!! Fé religiosa e atitudes começam a ser relativizadas. Um certo espírito meio rebelde no trabalho é questionado. Na certa, o chefe tem razão, quando fala que as pessoas precisam trabalhar mais rápido e com maior disposição. Como reclamar do salário baixo, se a maior parte dele é gasto com bebedeiras? Como

conseguir algo nessa vida reclamando o dia inteiro? E o que fazer com essa apatia que invade o corpo e amortece a alma? Não é cansaço; é preguiça mesmo!

Nesta situação fictícia, existiria um conjunto de representações que acarretam prescrições de condutas aos ouvintes: homens abstratos, categorias imanentes, sentidos gerais pululam na mente das pessoas todos os dias sem que nos apercebamos claramente disso.¹ Obviamente, a subjetividade não é uma argila que pode ser moldada ao prazer de quem intenta fazê-lo. O reconhecimento tácito de uma posição de autoridade, entretanto, de núcleo de conhecimento e saber, pode criar na figura do professor o ícone de quem detêm conceitos e representações que intuídas como verdades em si mesmas. Mesmo quando se intenta questionar conteúdos, o próprio questionamento, dependendo da situação, pode ser rotulado como problema disciplinar. Os estudantes aprenderam essa regra não escrita a duras penas e talvez isso explique o porquê muitas vezes uma sala de aula ser tomada de silêncio absoluto mesmo estando abarrotada de alunos.

O discurso do professor pode assemelhar-se a um filme de época que apregoa ser baseado em fatos. Todos que assistem a película sabem desta como uma "farsa",

¹ Os professores, como intelectuais porta-vozes das concepções de mundo, tendem a invocar o argumento de autoridade. Muitas vezes, o "argumento de autoridade" esconde uma falácia lógica sendo deliberadamente utilizado para fortalecer um posicionamento que se sabe, de antemão, muito frágil. Por exemplo, para respaldar uma posição implicitamente racista, pode-se afirmar que "Darwin não gostava de negros." Alguns religiosos costumam invocar a "religiosidade de Einstein" como uma "prova" inequívoca da existência de Deus. Do mesmo mal pode padecer qualquer defensor de qualquer concepção de mundo, incluso os socialistas, quando buscam se referendar num pop star que "era socialista", não tanto pelo que ele disse a respeito do socialismo mas sim pelo fato de um ser humano famoso ter se declarado socialista. Imerso que somos na ditadura dos "discursos competentes" quase sempre invocamos "santos" para respaldar essa ou aquela opinião ou mesmo para racionalizar nossas possíveis barbáries. Se acreditamos que o homem é naturalmente "predador", podemos invocar "São Hobbes" ou "São Hebert Spencer." Mais contemporaneamente uma apropriação vulgar de Freud intenta alçá-lo como um ícone "defensor" da "irracionalidade" ou alguém que justificaria a propriedade privada como algo inerente à "natureza humana."

uma representação do acontecido, da mesma forma que uma aula quase sempre é dramatização no sentido teatral do termo. Poucos, no entanto, põem em dúvida o sentido de veracidade do que é representado. Saímos de um filme com a impressão de termos visto uma aula de História, como se tivéssemos entrado num túnel do tempo e presenciado *in loco* os ardentes beijos de Cleópatra em Marco Antônio. É claro que se um arqueólogo especialista em vida cotidiana do Egito da Era ptolemaica estivesse assistindo ao filme poderia ter uma reação de espanto que depois se transformaria em comicidade tais as discrepâncias nas roupas, nos adornos, nos cenários, nas armas, nos navios. Ficamos embevecidos pela fita porque transpomos seu conteúdo à nossa historicidade e, paradoxalmente, a maioria de nós o capta de maneira anistórica e, por conta deste aspecto, o filme se torna verossímil.² Se nossos alunos fossem dotados de certa atitude crítica, embasada em uma concepção de mundo que formulasse uma justificativa intrínseca a esta atitude, quiça tivessem uma reação diferente da aula do nosso professor paraense, talvez percebessem, depois de buscar informações contrastantes, que os vestidos utilizados pelos figurinos na verdade não existiam na época que o filme intenta reproduzir. Se nossos alunos agissem dessa maneira em sala de aula, contrastando conteúdos, buscando novos pontos de vista, talvez a vida para nós, pobres professores, se tornasse mais "difícil:" *De omnibus dubitandum!*³ Este seria um velho lema para novos tempos e talvez a principal virtude a ser conquistada pela educação em uma época quando tudo parece ser etéreo, mas expressando-se aos homens como realidade imutável e eterna.

² O diálogo entre Marco Antônio e Cleópatra só nos é compreensível não por categorias imanentes que nos unem ao conteúdo do que é dialogado mas o próprio diálogo, seu conteúdo e interpretação, expressam valores e impressões pertinentes à época de Cleópatra quanto o helicóptero ou o televisor. O filme só é inteligível para nós como produto histórico porque ele, em larga medida, é anistórico em relação a época que visa a retratar.

³ Do Latim: Duvidar de tudo!

A neutralidade de conteúdo nunca existe em nenhuma representação. A própria representação da neutralidade intenta ser prescritiva, qual seja, afirmar a existência da neutralidade como valor e princípio normativo em si mesmo e, portanto, claramente diretiva no sentido de obter consenso à idéia do conteúdo como algo passível de ser naturalizado. Se um professor de biologia garante que todos os homens são naturalmente agressivos, expressa uma abstração genérica solidamente colada ao empírico, basta que para isso todos assistam aos noticiários da TV. No entanto, se existe, no entanto, uma base biológica que prepara o homem para o exercício da agressividade, resta saber quais são as outras determinações que sancionam a agressividade em determinados contextos, e em outros não.⁴ O problema passa a existir se os alunos entenderem o que o professor diz como “verdade em si mesma.” A consequência é óbvia. O roubo, a violência, o estupro e o incesto são expressões da natureza humana e, como tais, dificilmente o homem pode atuar sobre sua natureza, a não ser de maneira repressiva, o que, em última instância, validaria o raciocínio inicial. O círculo se fecha. Vamos investir nas pessoas boas, porque não quedaram escravas da sua natureza. Para que gastar dinheiro com gente desocupada? Para que investimentos em políticas sociais que tornarão as pessoas apenas mais capazes e elaboradas em seus gestos de pura maldade?

⁴ O exemplo pode parecer singelo, mas basta que pensemos numa partida de futebol. Quando um jogador é barrado por uma falta violenta o público se manifesta freneticamente em apoio ou desaprovação mas, dificilmente, existirá uma maioria que afirme que o jogador agressor deva ser preso. O mesmo gesto na ausência de uma partida de futebol tenderia a ser duramente reprimido na presença de pessoas sancionadas socialmente para o gesto de repressão (policiais p.ex.). Significa dizer que se existe uma base agressiva, ela será relativamente estimulada em uma circunstância e em outra não. Assim, não existe mais sentido em falar de agressividade natural entre os homens, na medida em que a agressividade humana adquire uma coloração muito mais demarcada pela história social. Pensar o contrário seria como buscar no DNA dos italianos o segredo do gosto e da criatividade de sua culinária, partindo-se do princípio de que existe uma base biológica para a estética do apetite.

As estratégias imersas na dramaticidade concreta de uma sala de aula tendem a mostrar o currículo como um *script* a ser interpretado. Neste palco, professores imbuídos dos discursos de suas competências tentam incutir saberes e diretivas sobre o homem e o mundo mesmo que não tenham clara consciência disso. A própria estrutura formal do currículo-roteiro é o resultado, direto e/ou indireto, de embates políticos e sociais, uma espécie de cristalização das contendas, das visões utópicas que os grupos sociais dirigentes tiveram de si mesmos e dos grupos subalternos e/ou, contraditoriamente, expressam conquistas de grupos sociais emergentes, fissuras no bloco hegemônico, mudanças significativas no jogo político, naquele instante mágico em que as reformas ensaiam se transformar em revolução social ou a reação concede os anéis para não perder os dedos.⁵

Na maioria das vezes, os agentes diretamente envolvidos perdem a consciência deste processo, que se transforma numa linguagem obscura e ao mesmo tempo sensível que intenta, nas suas estratégias discursivas, mostrar a aplicabilidade sólida e imediata do conteúdo difundido. Cada conjunto de representações possui um desafio cognitivo e prático de apresentar-se como conhecimento legítimo, como instrumento mental capaz de explicar a realidade, significando-a e, a partir desta significação, encontrar respaldo empírico para substanciar suas explicações. Assim, deve também ser um saber prático que não só explica, mas também apresenta estratégias concretas para constituir a realidade. Em cada admoestação, em cada "sin-

⁵ Hoje, se fala muito mais em sexualidade do que há 20 anos. De certa forma, o currículo parece estar mais arejado, permitindo que saberes contrastantes às interpretações oficiais sejam de alguma forma difundidos. O problema passa a existir em relação aos difusores: "quem educa os educadores?." Quando professores começam a retirar as páginas dos livros didáticos que mostram a nudez do corpo humano ou nas aulas sobre prevenção de DST abrem envelopes de preservativos com luvas cirúrgicas ou lenço de papel (fato este já presenciado por nós), é sinal de que ele não está preparado para o que deve ser feito, simplesmente porque não questionou algo fundamental, sua educação e, portanto, a si mesmo!

gela" exposição em sala de aula, nas formas como conteúdos contestatórios do saber oficial são reprimidos e/ou filtrados, encontraremos as reverberações de uma luta surda, trágica, algumas vezes construtora da liberdade, outras tantas, reprodutora e legitimadora das relações de despotismo e dominação.

Se os cientistas sociais se acostumaram a intuir este processo na rica documentação educacional brasileira, nas portarias e legislações, nos projetos de cunho estatal e dirigente, trata-se mais do que nunca de focar agora a visão onde o roteiro ganha vida concreta, onde se expressa no drama vivo e vivido de seres humanos nele diretamente inseridos: nos cotidianos institucionais, nas salas de aula. É lá que os professores, legitimados por sua posição de poder, difundem conteúdos, ajudando a coletivizar e/ou reproduzir concepções do mundo e do homem que, em última instância, funcionam como elementos auto-explicativos à medida que comparecem para justificar a inserção de classe, grupo social de referência, ações específicas de gênero, raça, religião etc. Da mesma forma, trata-se de efetivamente entender como os indivíduos, em relações ativas, absorvem estas concepções, se apropriam delas e as (re)significam. Em alguns momentos, estas concepções serão encontradas difusas e subliminares nas páginas dos livros didáticos ou nas situações dinâmicas propostas pelas atividades pedagógicas. Em outros, ganharão vida clara e inequívoca na forma de sanção, controle, contra-controle e contestação. Invadem as letras de música da banda de rock do colégio que ensaia escondida, ficam estampadas nas pichações de muro, sintetizam desejos de mudança no grafite de banheiro⁶, oferecem sustentação a

⁶ Certa vez nos deparamos com a seguinte inscrição num banheiro de escola secundária: "a vida que nos deram é isso que fazemos aqui e termina no esgoto com a música da descarga." Frase carregada de pessimismo juvenil? Constatação simplória da depreciação da vida coletiva oferecida como sustentáculo aos nossos jovens? Ou sussurros da "criatura oprimida" que, a partir de seu saber sensível, expressa riqueza e precisão diagnóstica que poucos tratados de Sociologia da Educação poderiam intuir?

gestos de subordinação e rebeldia, justificam repressões e liberações da sexualidade, enfim, e talvez o mais importante, oferecem aos agentes envolvidos respostas, mais ou menos coletivamente compartilhadas, à pergunta que todos nos fazemos: "QUEM SOU?!" As ações humanas caminham na direção de realizar concretamente desejos e sonhos. Mesmo o indivíduo mais automatizado pelo seu cotidiano, em algum momento, produzirá reflexões sobre o sentido de sua vida e de seus gestos. Na escola, não será diferente. Ali ou em qualquer instituição onde se estruturam relações de poder.

Então, uma das questões que pode derivar do nosso raciocínio é entender em que medida uma dada representação que, por princípio, sempre será uma representação social, torna-se também uma representação que oferece o substrato empírico à ação dos indivíduos concretos. Na verdade, nossos cérebros não meros receptáculos. Eles se apropriam dinamicamente dos conteúdos e bens simbólicos da humanidade. Parece que Marx estava correto quando afirmou o seguinte em suas Teses contra Feuerbach:

Feuerbach resolve o mundo religioso na essência humana. Mas a essência humana não é abstrato residindo no indivíduo único. Em sua efetividade é o conjunto das relações sociais. (MARX, 1985).

Quase cem anos depois, Vygotsky (1997) afirmou que a natureza psicológica do homem é a totalidade das relações sociais num movimento do externo (a realidade material, o mundo dos homens) para o que se convencionou chamar de "interno" (a subjetividade, a mente) tornando-se funções da personalidade, sendo mesmo a forma de sua estrutura. A princípio esta afirmação pode parecer uma simples derivação do pensamento marxiano, uma apropriação para dar uma coloratura claramente política às perspectivas psicológicas de Vygotsky. Engano! O que o psicólogo soviético sinaliza é para um movimento que leva o "social" para aquilo que se convencionou chamar-se de "interno." E mais, configura uma base de determinação

histórica para elementos que até aquele momento tinham a forte marca das teorias motivacionais de base biologicista e/ou genética, criticando-se portanto a idéia de filogênese na ontogênese.

Entre o conjunto das relações sociais e os indivíduos, no entanto, existem inúmeros processos mediadores determinados dialeticamente por instâncias e fenômenos específicos, não sendo possível pensar-se na individualidade humana como um fenômeno empírico alheio aos outros homens. Cada individualidade é uma particularidade dialeticamente configurada, uma síntese complexa e singular das relações sociais. É essa singularidade do particular dialeticamente determinada em sua relação com a totalidade social que parece criar a ilusão de uma individualidade plenamente autônoma pois a singularidade individual é de fácil apreensão empírica.

Sinalizar, porém, a noção de que os indivíduos sejam particularidades concretas das relações sociais não resolve o problema. Na verdade, anuncia todo um novo conjunto de questões. Uma delas é como entender a relação entre o pensamento e as ações dos indivíduos inseridos nos processos coletivos. Ou, mais especificamente, o que torna um processo social e individual um mesmo contexto? Um dos indícios para esta questão parece ser o entendimento da relação de organicidade entre ação e pensamento. Vejamos em Antônio Gramsci como ocorreria o delineamento desta organicidade.

A Ideologia como Concepção de Mundo: o Arbitrário e o Orgânico

Para Gramsci uma concepção de mundo é aquela que se realiza cotidianamente ao produzir "modos de vida", ou seja, ela deve ser capaz de desencadear uma atividade prática para transformar a realidade. A esta concepção de mundo, mais elaborada e coesa, podemos chamar de religião ou filosofia. Para Gramsci a Filosofia se distingue da religião especificamente por preconizar um sentido mais

materialista e/ou objetivista de pensar a realidade. Assim, a expressão "filosofia" não pode ser entendida como expressão idiossincrásica, pois não será a "filosofia" deste ou daquele filósofo, mas sim a expressão coerente de uma dada concepção de mundo que se acha difusa por toda a organização social. Poderíamos intuir que esta capacidade de propagação diz respeito, entre inúmeros elementos, ao nível de coerência explicativa da vida de indivíduos concretos que a concepção oferece. É este elemento explicativo, ao dar coerência significativa ao gesto humano, a característica fundamental que oferece suporte a qualquer modo de vida. Assim, além de explicar as relações sociais, ao determinar "modos de vida", as concepções de mundo teriam também papel auto-explicativo para indivíduos concretos, pois cria condições para que eles auto-justifiquem as ações, tornando-as relativamente coerentes com o modo de pensar que preconizam. Uma das características de sua organicidade consiste justamente na maior capacidade de tornar algo "externo" ao indivíduo (a realidade, a natureza, o conjunto das relações sociais expressas em seu grande dinamismo e complexidade) em algo passível de ser subjetivado e compreendido, justificando a realização das ações. De certa forma, um dos papéis primordiais da ideologia, no sentido gramsciano do termo, seria tornar a sociedade e a objetividade material produzida pelas ações humanas concretas como algo pertinente aos indivíduos que configuram a rede social

Para Gramsci a competição histórica seleciona aquelas concepções que estão habilitadas para transformarem-se em prática individual e coletiva, ou seja, habilitadas para efetivamente construir a história humana por meio da coerência entre pensamento e ação que elas mediam. O "teste" de uma concepção de mundo é justamente seu caráter de resolubilidade ante às necessidades objetivas engendradas em cada momento histórico. Este caráter de resolubilidade não pode ser avaliado apenas pelo critério de verdade ou falsidade da concepção de mundo. O problema da verdade subordina-se à questão do quanto uma

concepção é capaz de se converter em força material, ou seja, habilitada a dar sentido aos gestos humanos, de configurar instituições, de se expressar como arte e literatura, de (re)desenhar os espaços urbanos, de se embrenhar nas formas como as pessoas se vestem, falam e pensam (...) É este o sentido de uma ideologia orgânica. O caráter de organicidade é dado pela capacidade em entender e dar substância à prática efetiva do homem sobre a realidade material, aglutinando classes e grupos para as ações políticas que transformam qualitativamente esta realidade.

Neste sentido, uma ideologia é arbitrária quando se restringe a termos especulativos produzidos por este ou aquele indivíduo, não assumindo poder de efetiva aglutinação de muitos seres humanos. Por exemplo, amanhã podemos tentar fundar uma religião com base numa cosmogonia que tem o homem como criado a partir de um computador sagrado que nos incutiu a inteligência. Incentivará o desenvolvimento tecnológico da humanidade como um dos objetivos fundamentais para que possamos reencontrar nosso criador que está a nossa espera numa galáxia distante. Pode-se escrever livros e tratados para justificar esta concepção, elencar conjunto de testemunhos com base nos monumentos antigos e na Geologia para identificar deuses astronautas como os emissários do computador supremo que nos criou. Todo este conjunto de aparentes absurdos, entretanto, poderá ou não produzir um movimento coletivo na medida em que o conjunto dessas suposições atendam necessidades humanas que, a qualquer momento, podem ganhar sentido coletivo. Aqui reside o caráter orgânico da ideologia para Gramsci, pois ela deve oferecer “soluções” a problemáticas expressas por determinada contemporaneidade e aglutinar os homens, levando-os às últimas conseqüências para realizarem concretamente estas soluções mesmo que o resultado desse processo fracasse em seus objetivos ou que, no final, expresse o contrário do que se imaginava.

Para Gramsci história e ideologia formam um bloco, são indissociáveis, porque, para o homem exercer a ativi-

dade de construção material da realidade, ele precisa possuir um conjunto de representações que ofereçam a justificativa intrínseca das ações. Essa concepção de filosofia torna necessário que o homem compareça como protagonista de sua existência que se realiza mediante a da história. Por intermédio da elaboração das concepções de mundo, o homem toma determinada consciência de sua posição ao nível da estrutura econômica podendo pôr em ação instrumentos teórico-práticos que transformem as necessidades impostas pelas relações sociais na liberdade da ação concreta. Que homem seria este? Será ele mera imagem refletida pela história? Dizer que o homem é um produto da história significaria novamente reduzi-lo, genérica e individualmente, a um produto de processo unívoco, simples reflexo produzido pela deusa sociedade?

Já em 1916 no artigo "Velharias" o jornalista Gramsci afirmava que:

Como Lao-Tsé da lenda chinesa, somos velhos crianças, gente que nasce aos oitenta anos. Um cúmulo de tradições passa sobre nós, e devemos dobrar os rins para o suportar: leis centenárias vinculam a nossa atividade atual e o esforço para as superar deve sintetizar todos os esforços das gerações passadas (...) (1977, v. 1, p. 89-90. Grifos nossos)

Ao nascermos somos expostos a uma série de circunstâncias que não escolhemos. Adquirimos uma linguagem fruto de milênios de evolução, aprendemos comportamentos decorrentes do processo de formação histórica. O gesto de empunhar um lápis ou pegar uma folha de papel, amarrar um sapato ou ir a um culto religioso esconde uma grande complexidade. Para que cada gesto humano pudesse ser consolidado em sua contemporaneidade foi necessário o sacrifício de gerações inteiras e mesmo a colaboração diuturna de milhões de homens "invisíveis" num processo educacional vasto e praticamente inconsciente para a maioria dos indivíduos. Por não serem de forma alguma naturais, no sentido biológico do termo, os com-

portamentos necessários à sobrevivência do homem em sociedade têm de ser reproduzidos-aperfeiçoados-(re)criados diuturnamente pela vida social com base num legado que vai dos homens das cavernas, passando pelas batalhas de Júlio César e atingindo os media digitalizados. Um legado vivo em cada instrumento de trabalho, em cada signo, em cada valoração ético-moral, em cada obra de arte ou mesmo num “singelo” aperto de mão. É neste sentido que temos de entender a metáfora sobre Lao-Tsé utilizada por Gramsci. Nascemos velhos: os gestos das gerações que nos precederam estão colocados desde no modo como um bebê é cuidado pelos pais até em todos os suportes sociais (alimentação, água, eletricidade, assistência médica, vestuário etc *ad infinitum*) que dão sustentação ao ato de cuidar e que no futuro realizarão todo o conjunto de informações que possibilita ao indivíduo reconhecer a si e aos outros. É neste sentido que o homem não escolhe as relações sociais das quais participa embora as determine cotidianamente.

As instâncias da sociedade civil por meio de seus intelectuais porta-vozes difundem determinadas concepções de mundo. Desde a mais tenra idade, estaremos expostos a tais concepções, que darão conteúdo e significado às nossas ações individuais e coletivas. Por uma ou por outra concepção de mundo, pertenceremos a este ou àquele grupo. Haverá sempre uma tendência a buscarmos iguais para compartilhar e refletir o que somos como indivíduos. Para Gramsci sempre seremos “(...) conformistas de algum conformismo” (1987, p. 12), somos homens-massa, homens coletivos. O importante então é analisar de qual coletividade cada homem faz parte. Se uma concepção de mundo é ocasional e desagregada, o homem pertencerá a uma multiplicidade de homens-massa:

(...) nossa própria personalidade é composta de uma maneira bizarra: nela se encontram elementos dos homens das cavernas e princípios da ciência mais moderna e progressista: preconceitos de todas as fases históricas

passadas, grosseiramente localistas, e intuições de uma futura filosofia que será própria do gênero humano mundialmente unificado. (GRAMSCI, 1987, p. 12).
Grifos nossos

Na concepção gramsciana, a personalidade humana é fruto das concepções de mundo historicamente determinadas. Tudo aquilo que pensamos, todo o constructo mental utilizado para justificar a ação individual, todo o conjunto de representações utilizado para “elucidar” o sentido das ações coletivas para o indivíduo encontram sua base de determinação a partir do legado de outros homens. É claro que a cada nova contemporaneidade, dado que a realidade material se transforma, a geração hodierna edifica o conjunto de idéias mais correlatas às questões propostas por sua contemporaneidade e que adquirem o sentido de maior ou menor originalidade, mas, ainda assim, o escopo das novas contribuições está fundado nos sedimentos do passado. O que Gramsci quer dizer, porém, com a expressão “personalidade bizarra”? Já afirmamos que a personalidade é estruturada a partir das concepções de mundo; elas é que oferecem conteúdo explicativo/auto-explicativo das ações coletivas e individuais. A personalidade bizarra será então formada por um agregado de concepções de mundo “incoerentes” entre si.

Tentaremos exemplificar esta relação. Imaginemos determinado trabalhador qualificado, por exemplo, um técnico em computação gráfica. O nosso técnico é portador de um saber contemporâneo, importante e bem recompensado financeiramente. São amplamente reconhecidas as aplicações da computação gráfica na publicidade, na criação de *softwares* para Engenharia, Arquitetura, Educação etc. Ora esse mesmo indivíduo, que domina técnicas de última geração, capaz de criar programas de realidade virtual com imagens de rara beleza, é sistematicamente submetido a pressão pois na empresa em que trabalha existe grande competitividade entre os técnicos e as exigências postas pela clientela cada dia mais e mais se intensificam. Assim, quando tem que cumprir um prazo rígido e

curto para realizar determinada tarefa, ele invoca a proteção de seu santo padroeiro (no caso optaremos por São Francisco de Assis). Esse indivíduo teve sólida educação católica e tem, portanto, opiniões definidas sobre a sexualidade antes do casamento e o uso de métodos contraceptivos. Apesar de sua catolicidade, entretanto, é um pouco supersticioso, não dispensa o uso de uma fitinha do Senhor do Bonfim comprada durante uma estada em Salvador e traz em seu chaveiro uma figa de marfim (para desespero dos ecologistas). Parte de sua vida é governada por uma ética protestante, acredita na rigidez do tempo como um princípio de vida, numa certa idéia de predestinação e nos valores “purificadores” do trabalho. À noite gosta de ler livros técnicos e, quando tem tempo, estuda literatura esotérica, devorando compulsivamente os títulos de Paulo Coelho e estudando as profecias de Nostradamus. No último processo eleitoral, votou num candidato de esquerda para prefeito e num de direita para deputado federal, tendo como critério norteador a “simpatia” transmitida pelo candidato, sua “expressão” de honestidade e a “coerência” das suas propostas. Se olharmos à nossa volta, com certeza, este exemplo poderá facilmente abandonar o terreno da ficção. Ter a personalidade bizarra significa exatamente isto. No nosso caso, o técnico de computação gráfica é “agraciado” com o saber técnico de uma nova tecnologia, mas tem sua compreensão do mundo, e, por conseqüência, sua ação prática sobre a vida material e os homens que o cercam governadas por concepções de mundo muitas vezes confrontantes e originárias de organizações sociais atávicas. É claro que representações determinadas em outros momentos históricos assumem inserção diferenciada em cada nova contemporaneidade. Elas não cumprem as mesmas funções políticas que exerciam em seus momentos históricos quando davam “substância” ao seu respectivo bloco histórico. As crenças em duendes no século XIII e no século XX originavam ações qualitativamente diferenciadas, mas ainda assim possivelmente similares. Devemos ressaltar é que, para Gramsci, há um choque entre ter a vida guiada, por exemplo, pela influência

de aspectos da Modernidade, e ter determinadas ações norteadas por concepções de mundo mais arcaicas, desnecessárias ao homem moderno e importantes obstáculos para a conquista de uma concepção de mundo coerente. É este o sentido de bizarro atribuído à personalidade. É como se os indivíduos em seu cotidiano moldassem organização cognitiva que constitui coerências comportamentais a partir de partes absolutamente contrastantes. Como, no entanto, o homem pode conseguir ter suas ações norteadas por uma concepção de mundo coerente? E qual seria o sentido de "coerência"? Coerência em relação a quê? Para Gramsci, buscar uma concepção unitária e coerente de mundo é uma espécie de processo de "auto-análise" na qual inventariamos a infinidade de traços recebidos de outros momentos históricos percebendo o que não traz benefício neste inventário. Ao iniciar esta elaboração crítica percebemos aquilo que realmente somos. As concepções de mundo respondem a problemáticas trazidas pela realidade. A pergunta que Gramsci nos faz é: como é possível pensar os problemas de nossa atualidade se somos levados a opinar e interferir sobre esta realidade a partir de concepções elaboradas por um passado remoto e superado?

Se isto ocorre, nós somos "anacrônicos" em face da época em que vivemos, nós somos fósseis e não seres modernos. Ou pelo menos, somos "compostos" bizarramente. E ocorre de fato, que grupos sociais que, em determinados aspectos, exprimem a mais desenvolvida modernidade, em outros manifestam-se atrasados com relação à sua posição social, sendo, portanto, incapazes de completa autonomia histórica. (GRAMSCI, 1987, p. 13).

Portanto, Gramsci nos convida a fazer nossa autonomia histórica. Isto é fundamental para possuir um verdadeiro autodomínio sobre os gestos. Para tal, é necessário buscar uma concepção de mundo coerente e moderna que possa interferir de forma concreta sobre aspectos da realidade. É só quando adquirimos consciência do que deter-

mina nossas ações que podemos ser um agente consciente das ações que, de agora em diante, podem efetivamente transformar nossa realidade. Significa, então, dizer que só conseguimos nos transformar quando transformamos nossa realidade. Por sua vez, só a transformamos porque somos transformados por ela. Se o homem não for portador de uma concepção de mundo que seja um efetivo instrumento intelectual para transformar a realidade, ele se estagna, age de uma forma não coerente com as necessidades impostas pela realidade, fossiliza-se adornado por fantasmas da Grécia antiga e da Idade Média.

O grande desdobramento político da argumentação gramsciana está no fato de que a concepção de mundo que efetivamente oferece a compreensão histórica do homem e de sua realidade é a "filosofia da práxis" ou o marxismo. Portanto, sua preocupação central ao discutir a "concepção de homem" é, na realidade, expressar a concepção de homem e de mundo preconizada a partir da leitura de Marx. Isto não pode, entretanto, nos levar ao engano de que compartilhar de outra concepção, que não o marxismo, signifique que os indivíduos não transformem sua realidade. Para Gramsci, na maior parte do tempo, o homem coletivo atua mas não tem uma consciência clara de sua ação. Ainda assim esta ação age sobre o mundo, transformando-o de alguma maneira. Gramsci enfatiza a noção que nestas circunstâncias pode acontecer que a consciência teórica preconizada pela concepção de mundo esteja historicamente em contradição com o agir, afirmando ser praticamente possível que o homem neste caso tenha duas consciências teóricas ou uma consciência contraditória. Uma consciência está implícita na ação que une o indivíduo a todos os componentes de um grupo que agem de forma coesa para transformação prática da realidade. A outra consciência é explícita ou verbal, que é herdada do passado e acolhida sem crítica. (GRAMSCI, 1987, p. 20). Esta concepção verbal, entretanto, não seria inconseqüente, pois influi sobre a conduta moral, sobre a direção da

vontade de forma mais ou menos intensa.⁷ Em alguns momentos esta contradição da consciência não permite nenhuma escolha, levando o indivíduo a uma forma de passividade moral e política preconizada, por exemplo, pelas concepções de mundo niilistas e fatalistas oriundas de organizações sociais que permitem pouca mobilidade social, portanto, explicando e autojustificando essa realidade (como é o caso de algumas filosofias orientais oriundas do budismo e do hinduísmo). Em outros momentos, as escolhas são realizadas com base numa compreensão do real, em que podem ser intuídos mecanismos de exploração social, mas que não são acompanhadas por uma proposta de crítica efetiva, um *how to do* após a revolta.

Americanismo e Fordismo: a Unidade Orgânica entre Ação e Pensamento

Em *Americanismo e Fordismo* Gramsci analisa as mudanças decorrentes das novas relações industriais configuradas a partir do processo de taylorização e fordilização do trabalho, estabelecendo análise comparativa entre os Estados Unidos e a Europa ocidental, particularmente a Itália. De outro lado, relaciona essas mudanças com as necessidades geradas a partir da Revolução de 1917, objetivando discutir como os trabalhadores poderiam, a partir da experiência estrutural e superestrutural do americanismo, fazer a experiência socialista e suas formas de condução política. Gramsci define o tema "Americanismo e Fordismo" como uma série de problemas que devem ser procurados nas condições contraditórias da sociedade moderna. Essas mesmas contradições parecem deter-

⁷ Como exemplo podemos nos reportar ao catolicismo da "Teologia da Libertação" que se apropria de parte da concepção marxista da história para justificar suas práticas de intervenção e transformação sem no entanto, abdicar de uma compreensão metafísica do homem e de suas relações com Deus. Assim, temos uma noção de práxis política intuída com base numa concepção revolucionária embasada por consciência verbal (a compreensão teológica em si) herdada do passado.

minar complicações, posições aparentemente absurdas, crises econômicas, morais etc. O Americanismo e o Fordismo resultaria

[...] da necessidade imanente de chegar à organização de uma economia programática, e que os vários problemas examinados deveriam ser os anéis da cadeia que assinalam a passagem do velho individualismo econômico para a economia programática. (GRAMSCI, 1978, p. 311).

Assim, Gramsci delimita o momento histórico que lhe interessa, fala de sua contemporaneidade e se refere à transição do capitalismo concorrencial para o capitalismo monopolista. A expressão "Americanismo e Fordismo" sintetiza esse momento englobando suas contradições no plano estrutural e superestrutural. Não entraremos numa exposição exaustiva do texto pois este não é nosso objetivo. Ressaltamos alguns aspectos que nos parecem ser importantes para intuir psicossocialmente a relação entre ação e pensamento a partir de algumas questões, quando Gramsci identifica aspectos da organização e do processo de trabalho e os relaciona com determinadas formas específicas de conduta.

A organização industrial constituída a partir da taylorização e fordilização apresenta um quadro de exigências aos sujeitos que dela participam. Gramsci perceberá que este quadro de exigências é determinado historicamente, impondo transformações que vão do indivíduo à sociedade:

A vida na indústria exige uma experiência geral, um processo de adaptação psicofísica para determinadas condições de trabalho, de nutrição, de habitação, de costumes etc, que não é algo de inato, de "natural", mas que exige ser adquirido(...) (1978, p. 324. Grifos nossos).

Gramsci enfatiza aqui algo que chama de "adaptação psicofísica." Para integrar-se a uma dada organização pro-

dutiva, o homem deve criar ou adaptar novos comportamentos motores (gestos, automatismos, expressões, percepções etc) e adquirir outra maneira de pensar que ofereça justificativa intrínseca à sua ação nesta mesma organização. Este processo é fundamental para que uma organização produtiva possa se manter ou para que uma nova organização possa se constituir a partir da anterior. Em determinados momentos históricos, as forças sociais podem caminhar em determinadas direções fazendo com que estas pressões deixem poucas possibilidades de escolha para os indivíduos que a elas resistem. Na verdade, um dos desafios para a disseminação do capitalismo sempre foi o contínuo disciplinamento da força de trabalho ao sabor das mudanças implementadas pela revolução das forças produtivas. Cada nova transformação tecnológica, subordinada a uma sociabilidade baseada em relações de troca, intensificou as formas de exploração, ao mesmo tempo que implicou o redesenho contínuo nas formas de organização da força de trabalho, bem como nas expressões simbólicas que davam suporte às mudanças. Fundamental o fato da mudança não poder ser percebida como algo "descolado" das formas simbólicas que lhe oferecem justificativa intrínseca. Tentemos agora discutir a idéia de "nexo psicofísico" proposta por Gramsci.

Uma das teses desenvolvidas em *Americanismo e Fordismo* é que um dado aparato produtivo requer um determinado modo de vida que lhe dê sustentação. Modo de vida será, portanto, um conjunto de características, mais pertinentes ao bloco histórico hodierno, englobando desde condições de moradia até grupo de normas e valores que dêem justificativa moral intrínseca à ação prática do homem. Em outras palavras, significa dizer que muito daquilo que o homem come, pensa, veste, aprecia esteticamente, ou mesmo até as formas como o espaço urbano se configura, são fundamentais para a manutenção de determinado aparato produtivo.

A permanente revolução das forças produtivas determina o ir-e-vir da força de trabalho a novas maneiras de

organizar a produção e/ou a novos processos de trabalho. A energia elétrica ou a vapor, o tear mecânico, a informatização, novos métodos de gerenciamento e organização, enfim, toda inovação técnica no processo produtivo acabou por determinar novas maneiras de trabalhar e/ou organizar a produção. Isso implicou o fato de que gestos e formas de pensar utilizadas pelos trabalhadores para essa ou aquela tarefa do processo de trabalho fossem historicamente redimensionados. Significa dizer que cotidianamente os indivíduos, direta ou indiretamente inseridos na atividade produtiva, são atingidos por transformações que os impelem à busca da confecção de novas simbolizações para que suas atividades e seu "eu" possam ser percebidos (por ele mesmo e pelo coletivo) de forma inteligível e lógica.

Pensemos um trabalhador, no caso, um linotipista. A criação e disseminação do *off-set* gradualmente destruiu a capacidade produtiva do linotipista fazendo com que seu "saber-fazer" deixasse de ter função ativa na produção de jornais e revistas, passando a ser um saber morto. Sua vida, seu ser e as instâncias coletivas das quais fez parte se redimensionaram. Instituições, como sindicatos ou associações das quais os linotipistas faziam parte, resistiram às transformações tecnológicas ou se adaptaram a elas (a implantação de novas formas de trabalho quase sempre implicaram rediscussão de jornadas de trabalho, diminuição de postos laborais, revisão de aparato legislativo, busca de formas de organização política etc). Outros trabalhadores inseridos em atividades que davam suporte direto ou indireto ao trabalho de linotipia também tiveram suas vidas afetadas, pois essas atividades passam a ser praticamente "desnecessárias." Esse processo assume uma longa cadeia, à qual poderíamos nos prender indefinidamente. Cabe ressaltar que o desenvolvimento do *off-set* determinou novos caminhos ao linotipista, novas possibilidades de "escolha." Por um lado, ele teve que aprender um novo "saber-fazer" ainda inserido na produção gráfica, o que implicou aprendizagem de novos gestos, posturas cor-

porais, manuseios etc, ou então engrossou o contingente da economia "invisível", adentrou a perversidade da desregulamentação ou, ainda pior, engrossou o lumpen de excluídos de toda ordem, gradualmente destruídos física e psiquicamente. Esse processo de adaptação (ou de desadaptação) não estará restrito apenas ao posto de trabalho, mas se fará presente em todas as instâncias coletivas transformadas para dar sustentação a todo um novo conjunto de processos de trabalho constituídos a partir do *off-set*.

Esse raciocínio pode ser feito para qualquer transformação implementada pelas mudanças nos processos de trabalho. Veja-se, por exemplo, a passagem do cinema mudo para o cinema sonoro. No passado, a película era muda, mas nunca a sala de espetáculo. Em suas versões mais simplificadas, a sala de projeção sempre tinha a presença de um pianista que tentava de forma pessoal interpretar o ritmo cênico do filme. Em versões mais complexas, uma orquestra inteira acompanhava o movimento do filme. Quando o cinema se tornou sonoro, a mudança tecnológica faz desnecessária a presença dos músicos na sala de projeção, fazendo em poucos meses, milhares de músicos que tinham direcionado sua formação artística mais ou menos ligada ao cinema e tinham nele sua fonte de sobrevivência, a reestruturar seus modos de vida. Na outra ponta, centenas de atores mostraram-se incapazes de continuar atuando por não possuírem voz adequada às novas exigências. Esse momento de transição é retratado de modo ameno e romântico no filme *Cantando na Chuva*, estrelado e dirigido por Gene Kelly.

As revoluções produtivas e as crescentes modificações nos processos de trabalho trazidas por elas levam a um cotidiano redimensionamento do agir individual/coletivo dos homens. O crescimento das cidades, o desenvolvimento de sistemas de transporte, o uso dos aparelhos eletrodomésticos, a massificação dos processos de comunicação e, enfim, toda e qualquer transformação no modo de vida exigirão que os indivíduos se adaptem. Esta adapta-

ção, entretanto, não é meramente automática, mesmo quando pensamos no comportamento motor dos indivíduos. Pelo contrário, este comportamento deve ser mediado por um conjunto de representações que “convença” os indivíduos, que torne o gesto “natural” e determinado pela “vontade” de quem o realiza. Assim, qualquer trabalhador inserto em mudanças terá de realizar uma adaptação psicológica (tem que pensar, elaborar, construir representações que justifiquem a ação com os novos meios de trabalho e “entender” por que a organização à sua volta mudou) e física (tem que produzir novos gestos motores perante a situações até então inexistentes). Como a própria expressão “nexo” já indica, a atividade mental deve necessariamente ter uma relação orgânica com aquilo que se exterioriza na forma da ação concreta. Para que a organização produtiva possa se manter, o indivíduo deve ser capaz de significar aquilo que realiza. Para que esta significação ocorra, é de fundamental importância o papel das ideologias. São elas o substrato do nexos psicofísico, a argamassa que une a ação ao gesto!

Agora imaginemos o mundo em momentos históricos onde duas ou mais lógicas de pensar e organizar economicamente a sociedade para a produção dos meios de sua existência se chocam. A originalidade do pensamento gramsciano está justamente em ter identificado a noção de que, para criar e desenvolver a estrutura econômica de uma sociedade, é necessária a existência de um tipo específico de homem possuidor de uma nova estrutura de gestos e pensamentos, que necessariamente se relacionem para manter e reproduzir as transformações implementadas. Este processo não se estrutura apenas molecularmente (no indivíduo com ele mesmo ou no indivíduo com outro indivíduo), mas assume também um caráter praticamente absoluto em toda a sociedade. Ao olhar a sua contemporaneidade, Gramsci parece ter identificado esse momento mágico em que o novo e o velho tipo humano se chocavam num confronto de vida e morte.

Parte deste embate passava pela discussão de como o homem deveria expressar/controlar sua sexualidade. Ao observar o modo de vida americano, Gramsci identifica uma relação no mínimo curiosa. Parece que uma das precondições dos sistemas de racionalização da produção, implementados a partir da fordilização, é justamente a repressão/regulamentação dos instintos sexuais. E mais, parece que nos Estados Unidos esta regulamentação diz respeito mais às classes diretamente envolvidas com a produção (tanto o capitalista quanto o proletário). Para demonstrar esta afirmação, Gramsci identifica, com base em dados empíricos referentes à situação italiana, a clara distinção entre o comportamento sexual no campo e nas cidades, mas não no sentido idílico para o campo. É entre os camponeses que comportamentos rotulados como bizarros (incesto ou zoofilia, por exemplo) parecem ocorrer com maior frequência. Além disso, identifica também uma moral sexual mais "permissiva" para aqueles setores não envolvidos diretamente com a produção (plutocracia), nos quais a sexualidade adquire o caráter de "esporte de caça", carregada de uma visão estética da mulher identificada como mera "procriadora" e "brinquedo." A tese central esboçada é a de que os comportamentos sexuais são mais "bizarros" ou "mórbidos" (doentios e menos autocontrolados) quanto mais afastados estiverem determinados agrupamentos sociais das novas lógicas de produção, neste caso específico, o campesinato e a plutocracia. Ora, se parece existir a clara distinção entre o comportamento sexual expresso no campo e na cidade, entre os setores diretamente envolvidos na produção e aqueles não envolvidos, algo deve existir no modo de vida dos dois agrupamentos, que determine as diferenças. Gramsci busca nos valores disciplinares e metódicos, impostos a partir da taylorização e fordilização, os elementos explicativos.

O primeiro aspecto importante, esta preocupação com o fato de expressar a sexualidade não se limitava apenas à difusão do discurso puritano nos Estados Unidos. A preocupação com a sexualidade fez com que os inspetores da

Ford “invadissem” a vida privada dos operários mediante extensiva investigação. Gramsci intui a idéia de que, longe de ser uma preocupação de ordem meramente religiosa ou fortuita, tal ação tinha objetivos educativos: incutir uma nova ética sexual em conformidade com a nova lógica produtiva, fazer um homem de novo tipo:

É de relevar como os industriais (especialmente Ford) se interessaram pelas relações sexuais dos seus dependentes e em geral pela sistematização geral das suas famílias; a aparência de “puritanismo” que assumiu este interesse (como no caso do proibicionismo) não os deve induzir em erro; **a verdade é que não se pode desenvolver o novo tipo de homem requerido pela racionalização da produção e do trabalho, enquanto o instinto sexual não for regulado em conformidade, não for também ele racionalizado.** (1978, p. 325). Grifos nossos.

Afinal, por que o instinto sexual tem que necessariamente ser regulado em conformidade com a racionalização da produção? Que relação existe entre sexualidade e trabalho para a qual Gramsci nos chama a atenção? Em *Americanismo e Fordismo* Gramsci examina determinado conjunto de instâncias sociais que intervêm na formação de novos tipos humanos. Realiza uma análise sobre estas instituições, estabelecendo-se nexos comparativos entre a situação americana e a européia. Ora, posto no interesse gramsciano está a intenção política da construção do novo tipo de homem que norteará os passos da classe emergente (o proletariado) para o exercício da hegemonia política. Portanto, o fordismo não é uma mera proposta de mudança técnica nas formas de organização do trabalho, mas também uma concepção de mundo, uma filosofia que, em tese, pode trazer as bases de uma futura sociedade socialista. É portadora de um conjunto de propostas e intencionalidades, quer outra ética que interfira concretamente nos comportamentos humanos, moldando-os e direcionando-os. Portanto, o fordismo possui uma lógica que transcende

o ambiente fabril, é, antes de mais nada, um projeto educacional geral que visa a criar outro homem, em consonância com a exigência de organização e programação econômica de que o capitalismo necessitava para continuar como sistema economicamente viável. Na avaliação de Gramsci, contemporaneamente só havia duas tentativas verdadeiramente abrangentes que percebiam as grandes necessidades de transformação de comportamentos e hábitos, visando à adaptação a necessidades históricas concretamente expressas: o Americanismo e o processo de militarização das fábricas implementados por Trotski na União Soviética:

A tendência de Leone Davidovic estava estreitamente ligada a esta série de problemas, o que me parece que não foi bem esclarecido. O seu conteúdo essencial, deste ponto de vista, consistia na vontade "demasiado" resoluto (e portanto não racionalizada), de dar supremacia, na vida nacional, à indústria e aos métodos industriais, de acelerar, com meios coercitivos exteriores, a disciplina e a ordem na produção, de adequar os costumes às necessidades do trabalho. (1978, p. 327).

Na tendência manifesta por Trotski, Gramsci identifica objetivos similares ao movimento fordista, ou seja, fazer com que os métodos industriais possam constituir o conjunto de prioridades que monitorem as energias da organização social. Só é possível pensar a satisfação de todo um conjunto complexo de necessidades oriundas da implantação do socialismo, se a organização industrial for o tórus que dá sentido à vida social, entretanto,

Dada a exposição geral de todos os problemas ligados à tendência, essa deveria desembocar necessariamente numa forma de bonapartismo, e portanto na necessidade inexorável de a bloquear. As suas preocupações eram justas, mas as soluções práticas estavam profundamente erradas; neste desequilíbrio entre teoria e prática residia o perigo (...). O princípio da coerção, direta ou indiretamente, no ordenamento da produção e do trabalho

é justo, mas a forma que assumira estava errada: o modelo militar tornara-se um preconceito funesto e os exércitos de trabalho faliram. (1978, p. 327-328).

O projeto de modernização implementado por Trotski assume a forma de bonapartismo, ou seja, da coerção unilateral, originando necessariamente a resistência dos indivíduos. Gramsci enfatiza que o interesse de Trotski pelo americanismo, os modos de vida (Byt) e literatura são atividades que estavam menos desconexas entre si do que se poderia imaginar:

Os novos métodos de trabalho são indissolúveis de um determinado modo de viver, de pensar e de sentir a vida; não se podem obter sucessos num campo sem obter resultados tangíveis no outro. (GRAMSCI, 1978, p. 328). Grifos nossos.

Eis o principal problema da forma de organização do trabalho proposta por Trotski. Para construir o homem de novo tipo, não bastava apenas a coerção unilateral, sendo necessário que a coerção fosse transformada em persuasão; era preciso que os indivíduos percebessem o significado intrínseco nos gestos que realizavam e não apenas "obedecessem ordens", num rígido sistema hierarquizado. A coerção unilateral não era capaz de oferecer um sentido psicológico para a ação humana, ou seja, não elaborava por si uma concepção de mundo com validade psicológica, não realizava o nexó psicofísico necessário entre pensamento e gesto. A experiência de Trotski, realizada a partir do sucesso da construção do exército vermelho, perdia o sentido quando as vidas humanas não estavam diretamente ameaçadas no calor da luta revolucionária. Faltava a Trotski a articulação da militarização a um processo de "militarização interna", a constituição de uma disciplina que pudesse ser transformada pelo indivíduo em autodisciplina.

No cerne de *Americanismo e Fordismo* está a preocupação de elaborar o "Novo Homem." O desafio histórico, então, será o de descobrir, compreender, criar, direcionar

e difundir transformações culturais que terão de dar sustentação às profundas transformações econômicas alicerçadas a partir dos novos métodos de trabalho. O americanismo é, além de um fato econômico, também cultural e, portanto, possuindo desdobramentos pedagógicos e psicológicos. Qualquer proposta de transformação comportamental expressa pela inspetoria de fábrica na Ford não pode ser analisada como fruto do acaso e da gratuidade. Da mesma forma, a disseminação da ideologia proibicionista no aparato legislativo não pode ser rotulada como preciosismo religioso. São como fatos culturais que as questões do proibicionismo e do controle da sexualidade devem ser compreendidas, e, sendo fatos culturais, são necessariamente fatos pedagógicos, que educam e reeducam massas humanas para determinadas ações concretas que oferecem respaldo interno/externo em relação à atividade econômica.

Desta maneira, o controle da sexualidade, a proibição do uso de álcool, os inquéritos sobre a vida privada dos operários, embora a princípio possam parecer apenas como ingerência religiosa/puritana, são na realidade fatos impostos/propostos pelas necessidades disseminadas a partir das novas formas de gerenciamento da produção:

As iniciativas puritanas têm apenas o fim de conservar, fora do trabalho, um certo equilíbrio psicofísico que impeça o colapso fisiológico do trabalhador, esmagado pelo novo método de produção. **Este equilíbrio não pode ser senão exterior e mecânico, mas poderá se tornar interior, se é proposto pelo próprio trabalhador e não imposto de fora, por uma nova forma de sociedade, com meios apropriados e originais.** (GRAMSCI, 1978, p. 329). Grifos nossos.

O operário não pode se desgastar fora da fábrica, não pode ser alguém preso unicamente pelo desejo da libido, não pode estar exposto ao vício destrutivo do álcool, pois estes comportamentos não estão de acordo com a rigidez gestual da conduta da fábrica, não estão de acordo com a

disciplina ligada ao automatismo das tarefas. O trabalhador desgastado fisicamente pelo trabalho da fábrica não poderá “perder seu tempo” com o desgaste da busca desenfreada de sexo. Portanto, o momento fora do trabalho deve ser consagrado à plena reposição da força de trabalho, agora, mais do que nunca, extremamente desgastada pela atividade produtiva. É esta a verdadeira função psicossocial do puritanismo norte-americano para Gramsci: fazer com que o operário constitua nexos entre a atividade produtiva e aquilo que ele pensa de si e do trabalho, ao mesmo tempo em que configura um conjunto de hábitos e comportamentos em que o pleno uso de suas energias físicas e mentais possa ficar plenamente direcionado ao desejo daqueles que conduzem o projeto hegemônico sob a égide do capitalismo: a potencialização cada vez mais eficiente da capacidade produtiva do trabalhador. Esta tarefa de propagação ideológica, que, no primeiro momento, é tomada pelos intelectuais porta-vozes dos interesses daqueles que conduzem o bloco hegemônico (inclusive parte dos próprios intelectuais), deve com o tempo se transformar em algo realizado pelo próprio trabalhador que, gradativamente, terá todas as suas instâncias sociais (da estrutura familiar às atividades de lazer) governadas por lógica ao mesmo tempo intrínseca (da subjetividade do trabalhador) e extrínseca (imposta a partir da regulação normativa fabril e/ou estatal). A função das ideologias puritanas será, portanto, dar o caráter de persuasão e consenso à coerção exercida pelos métodos de controle dentro das fábricas.

Considerações Finais

A preocupação de Gramsci com as questões culturais, somada à sua inserção ativa na luta política, o levou a algumas conclusões originais no campo marxista. No cerne de *Americanismo e Fordismo* está também uma discussão de como se constituem os comportamentos humanos. Neste sentido, a categoria trabalho parece chave. A inser-

ção produtiva das classes ou setores de classe é condição importante para definir formas de pensamento e comportamentos sociais e/ou individuais. Formas de pensamento subsidiam as ações humanas e, portanto, são fundamentais para transformar o mundo material. Por sua vez, a transformação do mundo material, subsidiada e racionalizada pelas formas de pensar, desdobra transformações nas formas de pensamento. Qualquer transformação da organização econômica, ou, no caso do americanismo, qualquer implantação de nova lógica de produção, terá de ser acompanhada necessariamente pela transformação "interior" dos homens como uma das condições de sua reprodução social. Por mais singelo ou redundante que possa parecer, podemos assinalar que qualquer processo de transformação reformista e/ou revolucionário da sociedade pressupõe necessariamente que os homens acreditem naquilo que estejam fazendo, elaborando o nexó psicofísico, relacionando pensamento com a ação. É esta a validade psicológica que a concepção de mundo expressa no psiquismo dos homens. E é este também o desafio proposto à Filosofia da Práxis, para Gramsci: constituir o novo nexó entre a ação e o pensamento da classe trabalhadora sem contudo abstrair da experiência histórica e cultural feita anteriormente.

Referências Bibliográficas

GRAMSCI, Antônio. *Escritos políticos*. 4 v. Lisboa: Seara Nova, 1977. (Coleção de artigos jornalísticos antes da prisão).

_____. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

_____. *Obras escolhidas*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.

MARX, Karl. Teses contra Feuerbach in *Marx: vida e obra*. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Coleção Os Pensadores).

YVGOTSKI, Liev Semiónovitch. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.